

ESTRELA AMARELA

Editado por Jennifer Roy

Tradução
ERNANI SSÓ



Copyright © 2006 by Jennifer Roy

Primeira edição de Marshall Cavendish, EUA
Publicado mediante acordo com Luminis Literary Agency
and Translations através de Valeria Martins.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Yellow star

Capa

Mariana Newlands

Revisão

Valquíria Della Pozza

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Roy, Jennifer

Estrela amarela / Jennifer Roy ; tradução Ernani Ssó. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Yellow star.

ISBN 978-85-359-1853-3

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

11-03178

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacia.com.br

Para minha mãe, Robin Rozines



OUTONO DE 1939

Como tudo começa

Tenho quatro anos e meio, quase cinco, e estou em meu esconderijo preferido, atrás da poltrona da sala de jantar, penteando minha boneca e ouvindo a conversa dos adultos.

A preocupação enche o ar e se mistura com o cheiro de limão do bolo recém-assado que esfria na travessa. *Clic, clic*, é o ruído da xícara de mamãe tremendo no pires.

— Temos que ir mesmo, Isaac? — ela diz a meu pai, que chega inesperadamente do trabalho, interrompendo o chá semanal.

— Temos de sair agora de Lodz — diz papai. — Esta cidade não é mais segura para os judeus.

Minha mão continua penteando os cabelos de minha boneca. Em minha cabeça fica gravada uma palavra: judeus.

Judeus. Somos judeus. Eu sou judia. Celebramos as festas judaicas e comemos kosher, mas isso é tudo o que sei.

E o que é que tem sermos judeus? — murmuro a pergunta ao ouvido da minha boneca.

Mas ela apenas me olha fixamente.

Perguntas

Não pergunto nada a papai ou a mamãe antes de minhas tias irem embora. Tenho muita vergonha de falar quando há visita em casa, mesmo que sejam as tias, que me beliscam as bochechas e me dão fitas para minhas tranças.

Minhas tias são judias, meus tios e meus primos também.
E minha boneca, será que é judia?

Ninguém responde a minhas perguntas. Estão ocupados demais metendo coisas nas malas: garfos, facas, copos, a foto de casamento de meus pais, e roupas, umas para mim e outras para minha irmã mais velha, Dora.

— Agora não, Sylvia — me diz mamãe, quando lhe faço mais perguntas.

Por isso volto ao meu esconderijo, atrás da poltrona... e espero.

O bolo de limão continua intacto.

A viagem

É meia-noite, mas ninguém da minha família está dormindo. Vamos aos trancos, todos juntos, a caminho de Varsóvia, protegidos pela escuridão e pela floresta, na parte de trás de um carro puxado por um cavalo. Mesmo que eu me encoste em mamãe, Dora, tia Sara e meus dois priminhos, não consigo me esquentar. Meus dedos são como gravetos congelados. Tenho medo que se quebrem em pedacinhos como os galhos que estão se quebrando sob as rodas do carro.

Quando digo *Var-só-via* minha boca sopra nuvens no ar gelado.

Meu pai e meu tio Samuel vão sentados na frente e se alternam para dirigir. A viagem é longa.

Quando chegamos a Varsóvia, dali a uns dois dias, procuramos um lugar para viver. Ninguém quer nos alugar nada. “Sinto muito, também não há trabalho.” Estamos em guerra. E somos judeus.

Então voltamos para nossa casa de Lodz. A viagem de volta me parece ainda mais gelada.

A estrela de davi

Laranja. É esta a cor do meu casaco, que combina com um cachecol que me deram antes da guerra. Também deram um para Dora, só que azul e maior.

Amarelo. É esta a cor da estrela de seis pontas que costuraram no meu casaco. Há uma lei que diz que todos os judeus devem exibir a estrela de davi na roupa sempre que saem de casa, senão serão presos.

Como eu gostaria de arrancar a estrela (com cuidado, pouco a pouco, para não estragar meu casaco tão bacana), porque o amarelo deveria ser a cor da alegria, não a cor do ódio.

Gueto

Os nazistas cercaram um pequeno setor da cidade. Dizem que está contaminado com uma doença infecciosa, mas mesmo assim ordenam que todos os judeus de Lodz abandonem suas casas imediatamente e se concentrem nesse espaço. Eles o chamam de gueto.

— Todos os judeus? Devem ser mais de cem!

Cem é o maior número que conheço.

Papai me corrige:

— Perto de 100 mil, talvez o dobro.

O resto da Polônia

Há muitas outras pessoas que não são judias na Polônia. Elas podem ficar em suas casas. Não me parece justo.

Dora diz que eram vizinhos nossos, mas que não são mais amigos. Muitos poloneses disseram coisas horróricas sobre os judeus, os atormentaram e surraram.

— Eles nos odeiam — diz Dora. — Estão felizes que vamos embora.



FEVEREIRO DE 1940

Um lugar novo

Entro no gueto. Minha irmã não solta a minha mão para que eu não me perca ou seja pisoteada pela multidão de pessoas que estampam estrelas amarelas, arrastam seus pertences, a caminho do gueto.

Novo lar

A primeira coisa que fazemos ao entrar no pequeno apartamento, no segundo andar, é dar uma olhada nos dois cômodos. Minha mãe levanta uma sobrancelha e franze a testa. Papai encolhe os ombros e diz:

— Bem, o que podemos fazer fora tentar melhorá-lo?

— Nossa casa é muito mais legal — diz minha irmã.

Pergunto onde fica o banheiro.

— Lá fora, no pátio do edifício — diz papai.

Vamos ter que compartilhá-lo com as outras famílias.

O banheiro

O banheiro é pequenininho e não tem janelas. Trato de fechar bem a porta quando entro. Tiro as luvas, o casaco e todo o resto — já não me aguento mais. Quase não me sento a tempo no vaso.

É tão escuro aqui. Me sinto sozinha. E se não conseguir sair? E se fico trancada aqui dentro, e ninguém me escuta?

Em casa me ouviriam e viriam me resgatar, mas aqui é diferente.

Por que tudo tem de ser diferente agora? Por que não nos deixam voltar para casa?

Termino e empurro a porta, segurando a respiração. Ela se abre. Suspiro de alívio, volto ao edifício e sigo pelo corredor para nossa nova vida.

Parentes

Os pais de papai e mamãe, meus avós, estão mortos, mas tenho muitos tios e muitas tias. Há as irmãs de minha mãe — Sara, Rose e Malka. Há os irmãos — Label e Herschel. Eles também vivem no gueto com meus primos.

O irmão de papai, Haskell, e suas meio-irmãs Edit, Esther e Sura estão igualmente no gueto com seus filhos. O outro irmão de papai, Luzer, vive na Rússia, e seu meio-irmão, Joseph, vive em Paris, França.

Também tenho muitos primos.

Agora todo mundo anda muito ocupado ou vive longe, assim não vejo muito os meus parentes. É muito bom ter uma grande família, mesmo que não possamos ficar juntos.

O homem da farinha

O trabalho do papai, no gueto, é descarregar farinha nos armazéns e nas padarias. Mas, é claro, quase todo o pão branco vai para os alemães. Nossas rações incluem apenas pão preto.

Antes da guerra, papai trabalhava no comércio. Ele trabalhava muito e tinha uma vida confortável. Mas não éramos ricos.

Classe média — era como mamãe definia nossa família.

Meus pais se vestiam bem e iam ao teatro e ao cinema. Agora, quando papai chega do trabalho, nem ele nem mamãe vão a lugar nenhum.

Papai chega muito, muito cansado. Eu lhe dou um beijo no rosto sujo de farinha e até sinto o sabor, imaginando doces e bolachas. Em seguida mamãe dá a papai uma toalha para que ele possa se lavar antes da janta.

Pão mais uma vez.

O trabalho das mulheres

Mamãe e Dora trabalham numa fábrica de roupas íntimas para mulheres. Dora diz que as polonesas que vivem fora do gueto devem comer muito, porque algumas das calcinhas são muito, muito grandes.

Dora teve de mentir sobre sua idade para poder trabalhar. Disse que tinha catorze anos, embora tenha apenas doze. Meu pai havia dito que os alemães valorizam muito os judeus que podem trabalhar.

Durante o dia, enquanto nossos pais trabalham, Dora cuida de mim. Quando anoitece, ela vai trabalhar.

— Eu não tenho nenhum valor para os alemães? — pergunto a papai.

— Você tem muito valor para esta família — ele diz —, e isso basta.